

alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 3) Jan. 2019

TECNOLOGIA, PATRIMÓNIO E COMUNIDADE

em Salvaterra
de Magos

**A actividade
metalúrgica e a olaria
de Sines romana**

**A emergência de uma
Arqueologia Contemporânea
em Portugal**

**Artes do couro no
medievo peninsular**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

Associação de Utilidade Pública Sem Fins Lucrativos

Organização Não-Governamental de Ambiente

[travessa luís teotónio pereira, cova da piedade, almada]

[212 766 975 | 967 354 861]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[http://www.caa.org.pt]

[http://www.facebook.com]

**uma Associação
em que dá gosto
participar!**

1972 - 2018

46 anos de intervenção social,
a promover uma visão integrada
da Arqueologia, do Património Cultural e
Ambiental e da História local e regional,
no exercício partilhado de uma cidadania
cultural e cientificamente
informada

peça já a sua ficha de inscrição

arqueohoje
finding our future..

ARQUEOLOGIA

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

MUSEUS E CENTROS DE INTERPRETAÇÃO

MANUTENÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

ROTAS CULTURAIS & PEDESTRES

GESTÃO CULTURAL

PUBLICAÇÕES

www.arqueohoje.com
<https://www.facebook.com/arqueohoje/>

Arqueohoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.
Rua da Escola. Lote 9, Loja 2, Santa Eulália-Repeses . 3500-682 Viseu * Office: 232 416 030
Filial de Lisboa: Rua do Triângulo Vermelho, nº 2, 1170-375 Lisboa

O Museu do Côa e as Problemáticas da Arte Paleolítica ao Ar Livre e das Origens da Arte

André Tomás Santos e Thierry Aubry

[Fundação Côa Parque; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa]

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Decorreu em Vila Nova de Foz Côa, entre 3 e 6 de dezembro de 2018, o *Côa Symposium*, um dos pontos altos do plano de comemorações dos 20 anos da classificação pela UNESCO da arte paleolítica do Vale do Côa como Património Mundial. Esta reunião científica, que tinha como subtítulo “Novos Olhares Sobre a Arte Paleolítica”, juntou cerca de 100 investigadores provenientes de Portugal, Espanha, França, Itália, Inglaterra e Alemanha (Figs. 1 e 2).

Procurou-se que, entre os oradores, se contassem todos os que contribuíram para a classificação da UNESCO, assim como todos os estrangeiros que, na altura da polémica, deram a cara pela importância destes achados. A maior parte dos convidados aceitou o repto. Alguns, por razões várias, não quiseram ou puderam estar presentes. Entre estes, refira-se Dirk Huyge, responsável pelo estudo dos sítios de arte paleolítica do Vale do Nilo,

cujas ausências se devem à sua morte prematura. Os dois primeiros dias do *Symposium* foram dedicados à apresentação de comunicações de 20 minutos, que se distribuíram por quatro sessões temáticas. Estas foram precedidas por uma cerimónia de abertura presidida por Bruno Navarro, presidente do Conselho de Administração da Côa Parque (Fig. 3).

A primeira sessão, sobre a arte paleolítica ao ar livre, foi presidida por Denis Vialou (Muséum National d'Histoire Naturelle), tendo sido aberta por Paul Bahn, cuja comunicação se debruçou sobre a arte paleolítica ao ar livre na Europa e na área circum-mediterrânica, dando particular destaque aos trabalhos de D. Huyge no Egipto, e aos de Wolfgang Welker (que, tendo sido convidado, não pôde estar presente) no sítio de Hunsrück, na Alemanha. Seguiu-se comunicação de Maria de Jesus Sanches (Faculdade de Letras da

Universidade do Porto), que incidiu sobre os seus trabalhos na região, desde que, enquanto estudante, participou na intervenção em Mazouco, até às ações mais recentes, com Joana Teixeira, nos abrigos com arte rupestre do Pleistoceno recente / Holoceno antigo. Dominique Sacchi (Université Toulouse II Jean Jaurès) foi o orador seguinte, tendo-nos oferecido apaixonado relato sobre a sua experiência pessoal na batalha pelo Côa. Depois do *coffee break*, foi a vez de Rodrigo de Balbín Behrmann (Universidad de Alcalá de Henares) nos contextualizar a arte do Côa no âmbito mais vasto do centro peninsular, procurando sintetizar semelhanças e diferenças, sincronias e dia-



Foto: António Fernando Barbosa.

FIG. 1 – Alguns dos participantes do *Symposium* posam para a fotografia em frente do vale do Douro.



FIG. 2 – Vista do auditório durante a comunicação de D. Vialou, observando-se à sua direita R. de Balbín.



FIG. 3 – Abertura dos trabalhos, observando-se, da esquerda para a direita, André T. Santos, João P. Sousa, Bruno Navarro, José M. Arnaud e Thierry Aubry (Fundação Côa Parque).

Fotos: António Jerónimo.

cronias entre as estações desta região. Seguiu-se comunicação de André Santos, Fernando Barbosa, Luís Luís, Marcelo Silvestre e Thierry Aubry (Fundação Côa Parque) sobre a sequência cronostilística da arte paleolítica do Côa. A primeira sessão do dia acabou com comunicação de Michel Lorblanchet (Centre National de la Recherche Scientifique) sobre a arte ao ar livre de Dampier, na Austrália, cuja sequência arranca no Paleolítico e chega a momentos muito próximos do contacto com os primeiros colonos europeus. Refira-se que este conjunto está agora ameaçado pela intensificação de diversas atividades económicas na região.

A segunda sessão, presidida por R. de Balbín, debruçou-se essencialmente sobre a “outra” arte parietal paleolítica iluminada pelo dia, isto é, a arte sob abrigo. Se há uns anos era encarada como manifestação marginal de um fenómeno essencialmente cavernário, o aparecimento da arte ao livre absoluto, veio demonstrar que ela deve ser olhada de outra forma. A sessão abriu com comunicação de D. Vialou, que comparou diversas “artes rupestres” ao ar livre, destacando a relação mais estreita desta modalidade com a paisagem circundante. Sobre a arte das grutas, designadamente da que se encontra na recentemente descoberta gruta de Armintxe (País Basco), falou-nos César González Sainz (Universidad de Cantabria). Trata-se de um sítio cujo dispositivo gráfico magdalenense encontra alguns paralelos na arte coeva do Côa. Em seguida, foi apresentada comunicação de Geneviève Pinçon, Oscar Fuentes (Centre National de la Préhistoire) e Camille Bourdier (Université Toulouse II Jean Jaurès), em torno da arte sob abrigo francesa, que se focou essencialmente sobre as estações de Angles-sur-l’Anglin e as relações destes sítios com a paisagem circundante. Em seguida, interveio Sergio Ripoll (Universidad Nacional de Educación a Distancia), cuja comunicação incidiu sobre a arte sob abrigo do sul peninsular, tendo relevado o importante sítio solutrense de Cueva Ambrosio. Do sul peninsular passamos para o norte, tendo-nos José Adolfo Rodríguez Asensio (Universidad de Oviedo) oferecido importante síntese sobre a arte dos abrigos do Nalón, nas Astúrias. Por várias razões, houve necessidade de se proceder a uma troca entre a comunicação de Manuel Bea e Pilar Utrilla (Universidad de Zaragoza), inserível nesta sessão, pela de Henry de Lumley (Institut de Paléontologie Humaine), da sessão 4, dedicada à gestão e valorização de sítios pré-históricos. Na sua comunicação, o Professor de Lumley deu-nos a conhecer diversos casos de

sucesso do sudeste francês, designadamente dos sítios de Tautavel, de Terra Amata ou do Mont Bego.

O dia (noite) terminou com a estreia portuguesa do filme *La Bataille du Côa: une leçon portugaise* no grande auditório do Centro Cultural de Vila Nova de Foz Côa. Aí, houve oportunidade não só de assistir a este belíssimo filme sobre a batalha pelo Côa, como também de ouvir uma pequena introdução por parte do seu realizador, Jean-Luc Bouvret. No final, foi oferecido um beberete pela empresa Ramos Pinto.

A terceira sessão, já realizada no dia 5, debruçou-se sobre as problemáticas da transição Paleolítico Médio / Superior e das origens da arte. De facto, tendo-se vindo a encontrar vestígios do Paleolítico Médio no vale do Côa que atestam a ocupação humana de forma continuada na região pelo menos desde há 80.000 anos, não podíamos deixar de nos debruçar sobre esta problemática. A sessão foi presidida por Paul Bahn e aberta pela comunicação de João Zilhão (Universidad de Barcelona), que nos ofereceu uma caracterização geral do processo de transição Paleolítico Médio / Paleolítico Superior na Península Ibérica. Seguiram-se Paul Pettitt (Durham University) e Alistair Pike (University of Southampton), que se debruçaram sobre as problemáticas interpretativas e metodológicas levantadas pelas novas datações de U-Th (urânio-tório) de algumas crostas calcíticas, que apontam para a execução de manifestações gráficas em três grutas espanholas e uma francesa por parte de populações neandertais. Na comunicação seguinte, Marcos García-Díez (Universidad Internacional Isabel I de Castilla) procurou identificar as causas que estão por trás da nossa relutância em aceitar a autoria Neandertal de algumas manifestações pictóricas, ao mesmo tempo que lembrou que as manifestações que estão a ser atribuídas a essas populações são, afinal, do mesmo tipo que Leroi-Gourhan já admitia poderem ter sido feitas durante o Chatelperronense, e que mesmo Breuil já considerava as mais antigas. Na comunicação de Francesco d’Errico (Université de Bordeaux), lida por J. Zilhão devido a ausência por força maior do seu autor, discutiu-se a autoria e a cronologia de diversas manifestações artísticas espalhadas pelo mundo, acabando o autor por propor que, muito provavelmente, as primeiras manifestações gráficas tiveram diversas humanidades como autores, tendo aparecido em contextos geográficos e cronológicos diversos e sem relação entre si. Seguiu-se comunicação de T. Aubry, F. Barbosa, Luca Dimuccio (CEGOT / Universidade

de Coimbra), Cristina Gameiro (Universidade de Lisboa), L. Luís, A. T. Santos e M. Silvestre. Este trabalho procurou caracterizar as ocupações do Paleolítico Médio e do Paleolítico Superior no Vale do Côa. Destaquem-se, nesta comunicação, os resultados das mais recentes escavações na Cardina, designadamente no que toca à identificação nesse sítio de ocupações do Paleolítico Médio recente e do Aurignacense. A última comunicação, da responsabilidade de Carole Fritz (Université Toulouse II Jean Jaurès), debruçou-se sobre a arte de Chauvet, tendo-nos sido oferecida pela autora uma importante síntese sobre o sítio.

O debate que encerrou a sessão foi o mais vivo de todo o *Symposium*, o que é também demonstrativo da vitalidade da disciplina. De toda a discussão, salientamos dois aspetos: a datação aurignacense de Chauvet não é ainda consensual, pese embora a existência de mais de 200 datas do sítio; a resistência de parte da comunidade em aceitar que o Neandertal produziu “arte”, tendo sido muito mais discutidas as inferências que se podem fazer relativamente à capacidade simbólica de ambas as humanidades a partir da complexidade formal de cada uma das produções gráficas, que propriamente a autoria Neandertal de alguns grafismos.

A quarta sessão, presidida por J. Zilhão e começada no dia anterior com a apresentação de H. de Lumley, terminou com a apresentação de outras quatro comunicações na tarde do dia 5. Esta sessão procurou dar a conhecer as experiências ao nível da gestão e da valorização de outros sítios pré-históricos europeus. Assim, pela mão de Valérie Moles (responsável cultural e científica da Caverne du Pont d’Arc), os presentes ficaram a conhecer melhor as soluções escolhidas pelos colegas franceses para apresentar a gruta de Chauvet ao público, assim como as razões por trás dessas soluções. Daniel Garrido (Cuevas Prehistoricas de Cantabria) deu-nos a conhecer melhor as opções dos colegas espanhóis relativamente às grutas da Cantábria, cuja gestão recai sobre 70 grutas, sete delas abertas ao público. G. Pinçon bisou a sua presença na mesa, desta feita para nos falar da experiência francesa ao nível da gestão das suas grutas com arte, falando-nos dos desafios mais visíveis dessa gestão e da forma como a administração os procura resolver. A sessão terminou com Miguel San Nicolás del Toro (responsável pelo Servicio de Patrimonio Histórico, Región de Murcia), que apresentou uma panorâmica sobre os desafios da gestão e valorização da arte rupestre do arco mediterrânico da Pe-

nínsula Ibérica, um património que é constituído por 758 sítios de arte rupestre, com uma forquilha cronológica ampla (do Paleolítico Superior à Idade do Bronze) e que se estende por diversas comunidades autónomas espanholas.

O dia terminou com a apresentação de M. Bea e P. Utrilla, que estava prevista para o final da sessão dedicada à arte paleolítica sob abrigo. Tratou-se de uma síntese sobre o dispositivo parietal do sítio aragonês da Fuente del Trucho, onde encontramos importantes paralelos para alguma da arte do Còca e que foi alvo de recentes datações de U-Th.

No último dia, visitaram-se três sítios do Parque Arqueológico. Durante a manhã, cerca de metade dos participantes foi conhecer o importante sítio da Cardina, designadamente o seu impressionante corte estratigráfico (Fig. 4), tendo os restantes ido a Piscos, onde, a par de alguns grafismos de provável cronologia gravettense (Fig. 5), se encontra o mais importante conjunto de arte do Magdalenense regional. Depois de almoço, todo o *Symposium* se deslocou ao sítio da Penascosa, onde as últimas rochas colocadas a descoberto foram alvo de especial atenção (Fig. 6).

O *Symposium* encerrou com uma cerimónia onde estiveram representados o Conselho de Administração da Còca Parque, pelas pessoas do seu presidente e vice-presidente, B. Navarro e Maria Manuel Oliveira, a C. M. de Foz Còca, pelo vereador João Paulo Sousa, e a Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), por José Morais Arnaud, tendo este sido responsável pelas conclusões finais. O encerramento oficial foi efetuado pelo secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, João Sobrinho Teixeira.

Este *Symposium*, organizado pela Fundação Còca Parque e pelo projeto PALÆOCOA (PTDC/EPH-ARQ/0326/2014, cofinanciado pela FCT e pelo COMPETE 2020), só foi possível graças ao apoio da AAP, da UNIARQ, do Instituto Francês de Portugal, da TSF e das câmaras municipais de Mêda, Figueira de Castelo Rodrigo e, muito especialmente, de Pinhel e de Foz Còca.

Tendo em conta as reações que vamos recebendo, podemos afirmar que esta reunião foi um sucesso e teve resultados que, mesmo antes da saída das atas (cuja publicação foi assegurada pela AAP), já se começaram a fazer sentir, desde logo pelo estreitamento de relações que se deu durante estes três dias e que, seguramente, se traduzirão muito em breve em novas parcerias de âmbito institucional. ✎



Foto: Miguel Almeida.

FIGS. 4 A 6 – À esquerda, Thierry Aubry oferece aos visitantes da Cardina uma explicação sobre a estratigrafia do sítio.

Ao centro, em frente da rocha 1 da Ribeira de Piscos.

Em baixo, discussão em frente da rocha 38 da Penascosa, descoberta durante as escavações de novembro de 2018.



Foto: Oscar Fuentes.



Foto: Cristina Gameiro.

almada

online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]